

Veículo: *O Globo*

Data: 27/04/2011

Autora: Tatiana Farah

Analista político venezuelano diz esperar que Dilma faça crítica pública

A realização de primárias para escolher um candidato único de oposição é, para o especialista em política internacional venezuelano Moisés Naím, a melhor arma para uma eventual derrota do presidente Hugo Chávez nas eleições do próximo ano. Em entrevista durante seminário na terça-feira no Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), Naím criticou severamente o silêncio do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e disse ter "esperança" de que a presidente Dilma Rousseff faça uma crítica pública ao regime chavista.

“Em oito anos, a única declaração do presidente Lula sobre Chávez foi a de que ele era o melhor presidente que a Venezuela teve em 100 anos”, disse Naím, lamentando “o silêncio do presidente Lula, um lutador social, um líder sindical, diante do que Chávez fez com os sindicatos venezuelanos, os estudantes, os presos políticos”.

O especialista disse esperar mudanças no governo Dilma, mas reforçou que os “democratas venezuelanos seguem surpresos” com o silêncio do Brasil. “Não conheço a presidente Dilma, mas tenho a seguinte ideia: uma pessoa que foi vítima de um governo militar não pode ver com simpatia ou em silêncio os atropelos de outro governo militar de um país vizinho. É a nossa esperança.”

Para Naím, a oposição foi renovada e ganhou o respaldo do movimento estudantil, mas deverá enfrentar um presidente que “faz o que quer” e que pode mudar, mais uma vez, as regras eleitorais. “A oposição de hoje é diferente daquela de dez anos atrás”.

A oposição de hoje é diferente daquela de dez anos atrás. Gente nova, caras novas e formas de fazer políticas novas, com jovens do movimento estudantil muito importantes. Em contrapartida, enfrenta uma maquinária muito potente, com todo o dinheiro do mundo

e nenhum escrúpulo e nenhum tipo de restrição. “A Venezuela foi capturada por forças internacionais muito potentes”.

Moisés Naím, pesquisador do Instituto Carnegie para a Paz Internacional e analista de política internacional do jornal "El País", participou de debate sobre a Venezuela com a deputada de oposição Maria Corina Machado, mais bem votada para a Assembleia Nacional no ano passado, e tachou a Venezuela de “narcoestado”.

A Venezuela foi capturada por forças internacionais muito potentes. Falo de Cuba e de seu serviço de inteligência. Falo dos narcotraficantes. Hoje a Venezuela é um narcoestado. De acordo com as Nações Unidas, 60% das exportações de cocaína da Europa vem da Venezuela.

Naím criticou também o que chamou de “burguesia bolivariana”, que seria um dos problemas sociais e econômicos do país: “A Venezuela tem uma convergência de problemas. São gravíssimos problemas sociais, um enorme problema econômico e um grande problema internacional”.

A Venezuela tem uma convergência de problemas. São gravíssimos problemas sociais, um enorme problema econômico e um grande problema internacional. Tem taxas de pobreza e desigualdade imensas, que se agudizaram no governo Chávez, e há o que se chama de burguesia bolivariana, de pessoas próximas do regime de Chávez e que enriqueceram de forma sem precedentes, são militares, parentes, sócios e amigos, gente que rodeia o poder e tem êxitos econômicos extraordinários e inexplicáveis.

Entre os nomes cotados para disputar as primárias, Naím citou o governador de Miranda (estado onde situa-se Caracas), Henrique Capriles, o ex-prefeito de Chacao (na grande Caracas), Leopoldo Lopez, e a deputada Maria Corina Machado, parlamentar mais bem-votada nas eleições do ano passado.

O bom é que a oposição decidiu que concorrerá com um único candidato, que será escolhido em primárias- salientou.

No entanto, apesar de renovada, a oposição deverá enfrentar um presidente que, segundo Naím, faz só o que quer. Questionado sobre a possibilidade de Chávez mudar

as regras eleitorais, Naím afirmou: “Isso tem uma resposta histórica. Historicamente, Chávez, cada vez que quer fazer algo, o faz. Porque não tem restrições. Pode fazer o que quiser. Nas últimas eleições (em 2010), 52% dos venezuelanos votaram pela oposição e ele mudou as regras e esses 52% tornaram-se apenas 39% dos parlamentares”.

Naím também opinou sobre as mudanças de tom nos discursos de Chávez, ora mais autoritários, ora mais democráticos: “Ler a mente do presidente Chávez é um exercício inútil. Sua volatilidade é enorme. Quando foi a China, ele declarou-se maoísta, embora seus anfitriões tenham abandonado o maoísmo há 100 anos. Quando abraço (Muamar) Kadafi, na Líbia, declarou-se partidário do Livro Verde de Kadafi. Quando vai a Cuba, declara-se cubano. E quando vai a Rússia, é um moscovita. Na Síria, felicitou o presidente sírio pela profunda democracia do país. Não há quem o contradiga. Por isso, perdeu o sentido de ridículo”.

Sobre o Brasil, o pesquisador afirmou que o maior desafio da presidente Dilma será conduzir o país de uma economia aquecida para a estabilidade.

“Dilma já disse que a inflação é sua maior angústia. E a maneira de combater isso é diminuir o crescimento econômico. Um país que acostumou-se a seguir crescendo, onde todos foram estimulados a consumir mais, a ter geladeiras, carro e casa própria, onde estão todos com esperança e sentem-se no direito de ter cada vez mais, isso não é sustentável”.